



**MENSAGEM DE CHARTRES 1995
E ORAÇÃO
PARA O CINQUENTENÁRIO
DOS
CAVALEIROS DE NOSSA SENHORA**



Breve proêmio

Tive o grande privilégio de ter conhecido o Fundador da MILITIA SANCTÆ MARIE – Cavaleiros de Nossa Senhora, Dom Gérard-Marie Lafond OSB, sobretudo durante vários Capítulos realizados em Chartres e no seu Mosteiro de S. Wandrille. Durante os Capítulos tinha sempre um papel muito activo, não fosse ele o pai desta associação de fiéis. Dava gosto falar com este Monge! Afável, culto, profundamente mariano, um verdadeiro católico militante mesmo na clausura do seu mosteiro. Recordo as poucas vezes em que, com outros membros da MSM, tomávamos uma cerveja numa das esplanadas de Chartres e onde brilhava o seu humor. Recordo, particularmente, quando lhe pedi o Prefácio para a edição em português da Regra da MSM, a alegria que manifestou em aceder ao meu pedido.

Creio que, comigo, estão muitos outros freires da MSM que sentiram as suas ausências a partir do momento em que deixou o seu mosteiro e foi ocupar o lugar de Prior Administrador e, depois, Dom Abade da Abadia de S. Paul de Wisques, serviço que muito o ocupou e preocupou.

... Mas Dom Lafond, como o conhecíamos, tinha um amor profundo pela sua “filha”, a MSM. A sua última mensagem aos cavaleiros é o texto que agora está nesta edição em português. Considero-a o seu verdadeiro testamento, o testamento de um pai para os seus filhos no qual pôs o seu coração a falar das suas alegrias e tristezas tal como qualquer pai tem nas suas relações com os filhos que vê crescer nem sempre como era o seu desejo.

Dom Lafond deixou-nos um manancial enorme de ensinamentos em cartas que escreveu de Roma, durante os seus estudos que coincidiram com o decurso do II Concílio do Vaticano e com todas as turbulências que se produziram e nos

inúmeros contactos que fez com altas figuras da Igreja e em que a sua Ordem estava sempre presente.

Este “Testamento Espiritual” reflecte a personalidade do nosso Fundador e, pessoalmente, considero-o uma dos mais importantes textos que legou à MSM que, quando a servi como seu 7.º Mestre, fui resgatar do esquecimento a que tinha sido votado tão importante guia para a MSM e procurei inúmeras vezes, oralmente e por escrito, chamar a atenção do que nos quis dizer o Fundador quer nos aspectos espirituais como organizacionais que seria preciso rever para responder melhor aos desafios deste novo século e milénio. A sua mensagem de “Chartres”, de 1995, no aproximar do Jubileu do ano 2000 mantém-se de uma actualidade gritante.

O Prior de S. Nuno (Portugal), em boa hora, creio que inspirado pelo Espírito Santo, decidiu traduzir e publicar esta “mensagem” de Dom Lafond. Será um importante contributo para conhecer melhor o espírito do nosso Fundador ao criar no final da II Guerra Mundial a MSM apesar da arquitectura geopolítica e espiritual do chamado Ocidente não ter mudado assim tanto e apresentar inúmeras semelhanças, agravadas, sem dúvida, pelo crescente neo-paganismo e indiferentismo religioso. Se o comunismo já passou de moda temos pela frente um combate igualmente duro com a expansão da Ideologia do Género e do pensamento Woke, novos totalitarismos ateus. Perante este quadro, quem pode ficar indiferente? Quem?

Posso concluir, interpretando o pensamento de Dom Lafond, sobretudo o que expressou nesta sua “Mensagem de Chartres”, que mais do que nunca a obra que fundou, a MSM, tem uma grande actualidade e é um desafio para nós, membros dos Cavaleiros de Nossa Senhora a quem não é permitido ficar de braços cruzados a ver a derrocada da nossa Cultura, a delapidação do nosso património espiritual e a imposição da perda de memória colectiva de

que nos falava magistralmente S. João Paulo II Magno na “Ecclesia in Europa”. Num tempo de “desconstrução” temos de saber rezar e agir, seguindo o lema beneditino, para construir (ou reconstruir?) um mundo mais conforme aos desígnios de Deus (cf. nº1. do Prólogo da Regra da MSM). Era esta a vontade de Dom Lafond! Qual é a nossa? Queremos ser fiéis às nossas promessas ou queremos somente guardar as aparências, obra do Demónio?

Espero vivamente que a leitura “ruminada” deste trabalho sirva a cada um de nós para sermos mais e melhores “apóstolos dos últimos tempos” no dizer de S. Luís Maria Grignon de Montfort.

Carlos Aguiar Gomes

(Miles – pauper et peccator),

7.º Mestre e primeiro servidor da MSM



Mensagem de Chartres 1995 e Oração para o cinquentenário dos Cavaleiros de Nossa Senhora

Caros irmãos, irmãs e amigos,

Aqui estou eu entre vós! Há dez anos que me afastei voluntariamente da Ordem, não por desinteresse, mas por dever: para me entregar inteiramente à missão que o Senhor me confiou em 1985 e que, de uma só vez, me afastou do meu mosteiro original para me transplantar para outro lado e mudar os meus hábitos... como Abraão! Foi para mim um apelo à conversão e um convite a entrar mais profundamente na minha vocação monástica para a vida contemplativa. Hoje, venho dar-vos o fruto das minhas reflexões e das minhas orações. Mas se eu me dirigir a vós, talvez não me ouçam? - Por isso, dirijo-me ao Senhor, para ter a certeza de ser ouvido! Começaremos com uma acção de graças pelo 50º aniversário da Ordem; depois confessaremos os nossos pecados, a nossa falta de amor e a nossa estreiteza de coração; finalmente, dirigiremos uma fervorosa oração ao Senhor pela nossa conversão e renovação da Ordem no Espírito Santo através de Maria, em preparação e expectativa da vinda de Jesus em glória. Recolhamo-nos por um momento.

Dou-te graças, Abba, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Pai: amaste-nos a todos no teu Filho desde antes da criação do mundo, e salvaste-nos das trevas do pecado; deste-nos o teu próprio Filho, nascido da Imaculada Virgem Maria; ele sofreu a sua Paixão pelos nossos pecados, ele morreu e ressuscitou por nós; vós regenerastes-nos nas águas do Baptismo, mergulhando-nos no Mistério da sua Morte e Ressurreição; destes-nos a tua Igreja como nossa Mãe, fazeis-nos viver através dos seus sacramentos, alimentais-nos com a tua Palavra e com a Eucaristia, derramais o vosso Espírito Santo sobre nós, conduzis-nos através dos caminhos deste mundo para o vosso Reino eterno. Nunca poderemos medir a extensão da tua misericórdia para connosco. Agradecemos por nos

teres dado muitas vezes a graça de evitar o pecado; e quando nos foi permitido pecar, concedeste-nos o perdão, e nós compreendemos melhor que éramos amados.

Agradeço-te, Senhor Jesus, por nos teres chamado a viver neste momento difícil, no fim de um tempo de orgulho e desilusão, quando a tua Igreja está a experimentar a tua Paixão, à espera da Ressurreição. Estamos no vosso barco, Senhor, no barco de Pedro, e a tempestade ameaça engolir-nos a qualquer momento. E vós, Senhor, estais a dormir! É como se estivesses ausente, e nós somos como se estivéssemos abandonados à fúria das ondas. É claro que podemos baixar as velas, tirar a água, e lidar com os problemas mais urgentes. Mas sabemos que a salvação virá só de vós, e confiamos que estais connosco e que haveis vencido o mundo. Portanto, inspira-nos a gritar-te: “Senhor, salvador! Jesus Salvador, ajuda-nos, estamos a perecer!” Estamos a viver no fim de um tempo que é talvez o Fim dos Tempos, e aguardamos a vossa vinda em glória. O Espírito Santo dá-nos esta esperança, a Igreja põe nos nossos lábios este ardente apelo dos primeiros cristãos: Maranatha! Vem, Senhor Jesus! Nascemos, Senhor, num mundo que gerou as guerras mais terríveis, as ideologias mais mortíferas, e deve apenas à vossa misericórdia ter escapado à destruição total. Acabou com o nazismo, e o comunismo começou a desaparecer da cena do mundo; mas não encontrámos a paz, e Satanás começou a impor o seu jugo às nações, mais subtilmente e, talvez, mais perigosamente do que nunca. No entanto, continuais a ajudar a vossa Igreja, e agradeço-vos o inestimável dom do Concílio Vaticano II, que trouxe à luz os fundamentos mais tradicionais da fé e a abertura do vosso povo santo à sua dimensão católica e ecuménica. Agradeço-vos também pelos santos Papas que se sucederam na Sé de Pedro, e em particular pelo nosso Papa João Paulo II, pelo seu testemunho apostólico, pela sua audácia, pelo seu amor a Maria, pelo extraordinário impulso que ele dá à vossa Igreja, pela sua fé infalível, pela sua esperança infalível e pela sua caridade sem limites.

Torna-nos dóceis ao seu ensino, dóceis à acção do Espírito Santo tão perceptível no nosso tempo.

Dou-vos graças, Espírito Santo, Sopro do Pai e do Filho, nosso Defensor e nosso Consolador. É em ti que temos vida, e sem a tua presença, todos os nossos empreendimentos murcham e morrem. Abençoado sejais vós, Paracleto divino, que animais o grande Corpo de Cristo. Dás poder e eficácia aos sacramentos da Igreja, distribuis os teus dons e carismas com munificência, transformas os corações e ensiná-los a partir do interior. E, em todos aqueles que se vos abrem, criais um coração novo e um espírito novo; renovais a face da terra, e é através de vós que toda a criação será transfigurada, quando Jesus vier na sua glória; então a Jerusalém celestial descerá dos céus e o Pai nos dará o novo Céu e a nova Terra que aguardamos. Fazeis obras maravilhosas nos nossos dias, e estais a reunir os filhos de Deus espalhados. Trabalhais para além das fronteiras da Igreja, preparais a vinda do Filho do Homem, e tudo o que é bom e belo no mundo é devido a vós.

Abençoado sejais vós, Espírito de luz e de amor! És tu quem deu à luz, entre os “apóstolos dos últimos tempos” que São Luís Maria Grignon de Montfort tinha visto em espírito, ao pequeno grupo de Cavaleiros de Nossa Senhora. Querias que redescobrissem o espírito cavaleiresco, tal como tinha brilhado durante algum tempo nos dias da cristandade: um espírito de serviço aos mais pobres, um sentido de justiça, um amor à paz. Propusestelhes a Virgem Maria, Mãe de Deus, como Rainha e Senhora para ser amada e servida, e implantaste a no vosso Santuário de Chartres, Nossa Senhora do Subterra, como uma semente prometida à rica germinação. Destelhes amor pela Igreja e um bom zelo para promover o Reino de Cristo Rei e desejar a vinda do Seu Reino. Armaste-os para a guerra espiritual contra Satanás e os poderes das trevas. Inspiraste-os a viver com simplicidade e caridade fraterna, humildade e magnanimidade. Pediste-lhes que fossem, não teóricos ou nostálgicos do cristianismo, mas artesãos da reconciliação e da paz, pondo-se ao serviço dos outros

em obras concretas onde se pudessem dar e gastar as suas forças por amor. Acima de tudo, querias que fossem obras concretas onde se pudessem dar e gastar a sua força por amor. Acima de tudo, querias afastá-los do espírito do mundo, da sua política, da sua vontade de poder, do seu orgulho e do seu ódio, para os fazer entrar no espírito puro do Evangelho. Eles tinham de compreender que a Ordem era *obra do Senhor*, não dos homens; que tinham de se deixar guiar por vós, sem tentarem construir para si próprios uma instituição que se adaptasse aos seus gostos ou lisonjeasse a sua vaidade. O cristianismo e o espírito cavaleiresco na Idade Média deviam ser *uma referência, e não um modelo a ser reproduzido*. A “nova cristandade” não seria mais do que “*a civilização do amor*”, baseada na liberdade religiosa, e a espada do cavaleiro seria um sinal de recusa da injustiça, não uma arma que derrama sangue. Ao mesmo tempo, quisestes abrir as mentes dos teus cavaleiros à inspiração da unidade de todos os cristãos, e convidaste-os a trabalhar nesse sentido.

Por todas estas inspirações da vossa parte, agradeço-vos, Espírito Santo de Deus. Agradeço-vos por tantos bons trabalhos realizados ao longo dos últimos cinquenta anos pelos Cavaleiros de Nossa Senhora - aqueles que se juntaram ao vosso Reino celestial, e aqueles que ainda lutam aqui em baixo - agradeço-vos por tantos irmãos e irmãs que se dedicaram abnegadamente ao serviço da Igreja e do seu próximo; agradeço-vos pelo seu progresso no amor, na humildade, na oração. Agradeço-vos pela sua coragem na acção, pela sua perseverança na oração, pela sua fidelidade à sua vocação cavaleiresca, mesmo daqueles que pensavam que tinham de se distanciar da instituição. Dou-vos graças pela presença da Ordem no mundo nesta época, nas suas lutas, nas suas esperanças, cinquenta anos após a sua fundação, cinquenta anos após a entrada da humanidade na era nuclear, e cinco anos antes do Grande Jubileu do ano 2000.

No entanto, Senhor Deus Todo-Poderoso, chegou o momento de *confessar os*

nossos *pecados* e de admitir que não temos sido totalmente fiéis às inspirações do vosso Espírito. Numa altura em que o Santo Padre convida toda a Igreja a reconhecer os erros e crimes cometidos em seu nome pelos seus membros pecadores no passado - especialmente durante o segundo milénio, que viu a grande fenda entre o Oriente e o Ocidente, depois a Reforma, a Revolução, as guerras, os genocídios e, finalmente, a grande apostasia de hoje - exorta-nos, Senhor, a reconhecer as nossas próprias falhas, pois é mais fácil denunciar os erros dos outros do que bater no próprio peito.

Porque é que, cinquenta anos após a fundação, somos tão poucos em número? *Que imagem demos da Ordem* que tão poucos cristãos quiseram juntar-se a nós para oferecer a Maria um título de cavaleiro digno de a servir? Será que a nossa fidelidade à tradição não deu por vezes a impressão de cair no formalismo? Não teremos nós, mesmo inconscientemente, preferido costumes antigos à verdade da vida espiritual do nosso tempo? Não terão as nossas opiniões políticas pessoais contaminado as nossas concepções sobre o Reino de Deus? Temos estado suficientemente atentos às necessidades espirituais dos nossos contemporâneos? Não teremos nós, na nossa louvável preocupação de manter uma ortodoxia rigorosa, desconfiado demasiado de muitas das iniciativas que o vosso Espírito inspirou na Igreja? Que preocupação temos com a unidade dos cristãos? Tivemos sempre o desejo de deixar o nosso ambiente e a nossa mentalidade para nos abirmos às aspirações dos outros, para as compreendermos, para as partilharmos, para as rectificarmos quando parece necessário? Vós sabeis, Senhor, que estas perguntas não são vãs, e pedimos-Vos que nos ajudeis a recebê-las com toda a sinceridade e liberdade de espírito. Ajuda-nos, Senhor, a dá-las - a dar-te! - as respostas certas, e para mudar as nossas atitudes e comportamentos adequadamente

Este primeiro conjunto de perguntas, Senhor, leva a outro, ainda mais fundamental. Em que medida é que recebemos, sem reservas, a *letra e o espírito do Concílio Vaticano II*? Vós sabeis, Senhor, que desde o início o diabo se

insurgiu contra a renovação da Igreja que ele anunciou. “Os fumos de Satanás entraram na Igreja”, a confusão de ideias instalou-se durante muito tempo, as interpretações mais contraditórias foram dadas e ainda hoje são defendidas. Alguns cristãos usam esta confusão como pretexto para rejeitarem liminarmente o Concílio, e para se colocarem num estado de cisma ou em perigo; outros defendem em voz alta o “espírito do Concílio” a fim de imporem as suas ideias subversivas; outros ainda tiram partido disso para se distanciarem da Igreja, entregando-se a um livre exame: a Igreja torna-se assim um grande mercado entre outros, onde se pode escolher de acordo com os gostos, deixar de lado o que não se gosta e consumir o que parece mais agradável; outros retiram-se friamente para dentro de si mesmos: recebem o Concílio com os seus lábios, e contentam-se em dizer que o Concílio manteve a Tradição, e que, conseqüentemente, não há nada a mudar na sua forma de viver a sua fé. - Senhor, tende piedade da vossa Igreja, que é constantemente tentada pela divisão e pelo cisma! Ajuda-nos a ver claramente e a andar em pé! Na tua grande misericórdia, deste-nos um meio infalível de permanecer no caminho certo, sem nos desviarmos nem para a direita nem para a esquerda: a *obediência ao Magistério vivo da tua Igreja*, nomeadamente ao Romano Pontífice e aos bispos que se lhe unem pelo vínculo sagrado da comunhão eclesial. Agradecemos-te, Senhor, por nos teres permitido receber, pela boca do Santo Padre João Paulo II, um ensinamento que é perfeitamente claro e coerente, fiel ao Concílio e à Tradição, mas cheio de audácia, nunca nos resignando à situação dramática legada pelos séculos passados. Abre os nossos corações, Senhor, a este ensinamento, e dá-nos em particular uma paixão pela unidade cristã. Esta é a vossa vontade, e é para vossa glória! Através do vosso Espírito Santo, inspirai-nos gestos e acções ao nosso alcance, para apressar o dia da plena comunhão, uma condição para o florescimento pleno da Nova Evangelização.

Senhor, *porque é que o serviço da Ordem à Igreja nos últimos cinquenta anos tem*

sido tão modesto? Como é que tão poucas iniciativas significativas podem ser atribuídas aos Cavaleiros da vossa Santa Mãe? Certamente, estás ciente das boas obras feitas discretamente por cada um, e dignaste a aceitá-las; muitos dos nossos irmãos e irmãs estão presentes, aqui e ali, para combater a boa luta; ninguém esquece as Fraternidades e Associações fundadas pela Ordem e dirigidas com competência por alguns dos seus membros; mas quantos irmãos e irmãs se dedicam a eles? Muito poucos, de facto. Estas actividades não conseguem *mobilizar o conjunto da MSM*. No entanto, há muitas oportunidades para servir a Deus e ao nosso próximo no nosso mundo conturbado. Em qualquer momento, ouvimos falar de obras admiráveis realizadas por alguns cristãos determinados a favor das vítimas de conflitos na Europa ou no Médio Oriente, ou para a ajuda da Igreja em perigo na Europa Oriental, América do Sul ou noutros lugares; outros cooperam eficazmente na reconstrução de Igrejas e sociedades arruinadas por décadas de domínio comunista; outros promovem a aproximação entre povos através de peregrinações ou reuniões internacionais; apoiam os esforços de desenvolvimento em África; trabalham para o estabelecimento de mosteiros em países do Terceiro Mundo; participam activamente no ecumenismo, especialmente ajudando a Igreja Ortodoxa, a nossa igreja irmã, sempre que possível. Sob a inspiração do vosso Espírito Santo, Senhor, uma multidão de grupos de oração está a surgir em todo o mundo; estes grupos ecoam frequentemente as mensagens de Nossa Senhora para a conversão das nações (por exemplo, em Medjugorje). Só Vós, Senhor, sabeis tudo o que o vosso Espírito produz, e os instrumentos que desejais utilizar para os vossos propósitos. *Neste vasto campo, onde estão os Cavaleiros de Nossa Senhora?* Esta questão deveria fazer-nos pensar. Senhor, esperais muito dos vossos cavaleiros, mas recebeis pouco. Conheces as razões para esta mediocridade. Fazei-nos compreender, Senhor, o que queres que façamos pelo teu Reino. Despoja-nos de tudo o que dificulta a fecundidade espiritual da tua Ordem. Ilumina-nos, e dá-nos a força para responder ao teu apelo com toda a

generosidade necessária.

Senhor, há algo ainda mais grave. *Como foi semeada a zizania no nosso campo?* Porquê tantas crises sucessivas que abalaram a Ordem? Como é que os cristãos dedicados a Maria nem sempre vivem em caridade fraterna? Porquê estas rivalidades, estes julgamentos peremptórios e definitivos, estas excomunhões, estes desacordos que vivemos durante estes cinquenta anos? Não será porque alguns se consideraram, ou ainda se consideram, como os proprietários da Verdade, ou pelo menos os seus intérpretes autênticos? Teremos nós, por acaso, esquecido que DEUS É AMOR? A fé não foi contaminada por ideologias? Ou temos tendência para dogmatizar as nossas próprias opiniões, condenando arbitrariamente as dos outros? A vinda do Reino de Cristo é o nosso único objectivo? Ou pintamo-lo com as nossas próprias cores, confundindo pátrias terrestres e celestes em vez de as unirmos, distinguindo-as? *Que fizemos nós da humildade, o fundamento da nossa Regra?* Será que pensamos estar a defender a nossa dignidade pessoal, mesmo que ofendida, ignorando o facto de que o Senhor se tornou nosso Servo, aniquilou-se até à morte na cruz, e ordenou-nos que o imitássemos? - Senhor, pedimos-te perdão por todas as nossas divisões passadas e presentes. Dá-nos a graça de as detestar, e de regressar rapidamente à Lei da Caridade, na qual se resume toda a tua mensagem de salvação. Compreendemos agora porque nos deixas um pouco de lado, sem nos fazer crescer, sem nos confiares uma missão para a extensão do seu Reino: esperas simplesmente que renunciemos às nossas formas demasiado humanas de ver e agir. E Nossa Senhora está também à espera dos seus cavaleiros. Ela está à espera da nossa conversão.

E agora, Senhor, voltamo-nos para Maria, tua Mãe e nossa Mãe. Tu no-la destes no Calvário, na pessoa do Discípulo que amavas; tornámo-nos seus filhos, recebemo-la como nossa, o nosso tesouro inestimável. Ela deu luz à vida da fé na Igreja santa, ela vela pelo nosso crescimento, educa-nos e ajuda-nos a encontrar o nosso lugar no Corpo de Cristo e na Jerusalém celestial. Foi

através dela que Jesus veio ao mundo para realizar a nossa salvação; é também através dela que Ele vem em cada momento da Plenitude dos tempos, e que virá em glória, com os seus anjos, para inaugurar o seu Reino da eternidade. Louvado sejas, Senhor, por nos terdes dado a pequena Virgem de Nazaré como Mãe e Rainha. Louvado sejas pela sua humildade, pela sua fé, pelo seu amor inesgotável. Louvado sejas pela sua beleza soberana que nos encanta e conforta, nos encoraja e nos torna fortes. Os cavaleiros honram-na, acarinham-na e desejam servi-la como sua Senhora. Que sejam capazes de olhar para ela incessantemente, de imitar a sua humildade, e de a escutar quando ela lhes diz, como em Caná: “Façam o que ele vos disser”.

Ó *Maria, nossa Mãe e Nossa Senhora*, rogamos-vos que nos recebais com bondade e que abençoeis o nosso espírito de penitência e o nosso propósito de conversão. O que devemos fazer para agradar ao teu Filho? Ajudanos a renunciar às nossas ideias preconcebidas e às nossas próprias vontades, e a entregarmo-nos inteiramente ao Espírito Santo, como tu própria fizestes no dia da Anunciação. Vós, a Nova Eva, soubestes olhar para a criação e para a humanidade com novos olhos. Vós, a Imaculada, redescobristes o olhar original, inteiramente puro e intocado. Amais todos os seres por si próprios e para Deus, sem esperar nada em troca. *Faz-nos mudar o nosso olhar*, para que possamos ver Jesus em tudo e em todo o lado. E antes de mais, fazeí-nos compreender a diferença entre “obras para Deus” e “obras de Deus”. Tomastes a iniciativa de levantar, ao teu serviço, esta pequena corte dos Cavaleiros de Nossa Senhora. Pedimoste que mantenhais, ou tomes de novo a iniciativa. Queremos que esta Ordem seja a vossa obra, não a nossa. Renunciamos a fazer disto a nossa coisa, para que possa ser como a desejais. Queremos voltar à simplicidade dos primeiros tempos.

Acreditamos que o importante na “*Cavalaria de Nossa Senhora*” és tu, *Nossa Senhora*, e não o espírito cavaleiresco. O espírito cavaleiresco, a instituição, as tradições, os rituais, tudo isso é apenas um meio para criar um clima, ou um

espaço, para vos amar e servir. Estamos preparados para simplificar as estruturas, para que não tenhamos de gastar muito do nosso tempo e energia com elas. O nosso pequeno número não justifica uma máquina administrativa pesada. *Renunciamos a tudo o que possa lisonjear a vaidade humana*, através de títulos e categorias de membros. Preferimos usar os belos nomes de “irmão” e “irmã” mais frequentemente do que o título mais difícil de “cavaleiro”. Também queremos reservar para vós o título de “Senhora”, tal como reservamos para São Miguel Arcanjo o título de “Grão Mestre”: Reduziremos ao mínimo o número de categorias de membros, e não faremos distinção entre irmãos e irmãs, mantendo as regras de cortesia que exigem que as mulheres sejam honradas de uma forma mais especial. Do hábito, estamos dispostos a utilizar apenas o manto, quando o resto possa representar um obstáculo à difusão da Ordem e à facilidade de reunião. Manteremos o Ofício em latim quando a reunião de oração for internacional, ou em certas circunstâncias; mas é preciso lembrar que o *importante é a qualidade da oração*, não a manutenção de uma tradição, por mais venerável que ela seja... Finalmente, vamos concentrar-nos mais na formação dos nossos irmãos do que na direcção rigorosa das suas actividades, sendo o respeito pelo código de honra rigoroso.

Com a instituição assim aliviada, e as oportunidades de vaidade retiradas, pedimos-lhe, ó Nossa Senhora, que nos proponhas serviços concretos para com o próximo, em conformidade com a nossa vocação cavaleiresca. Recordamos que os primeiros cavaleiros templários não tinham outra ambição que não fosse garantir a segurança dos peregrinos à Terra Santa; a nossa preocupação será a de rezar sem cessar, para aprofundar a nossa vida espiritual e para servir os outros, esquecendo-nos de nós próprios, como vós o fizestes ao longo da vossa vida. Consideraremos uma honra assumir qualquer tarefa, mesmo a mais humilde, que vos decidais propor-nos.

Dito isto, estaremos mais do que nunca atentos aos sinais dos tempos, às

necessidades do Povo de Deus, às orientações dadas pelo Magistério da Igreja, especialmente no que diz respeito à preparação do *Grande Jubileu do Ano 2000*. Neste espírito, pedimoste, ó Nossa Senhora, que abras os nossos corações a tudo o que o Espírito suscita nos nossos dias; comprometemo-nos, durante os anos de preparação para o Jubileu, a explorar as áreas e a estudar as realizações daqueles que trabalham para a nova Evangelização, quer dentro dos limites da Igreja Católica, quer mesmo para além deles. Esta exploração mobilizará todas as nossas energias e será realizada, sob a vossa protecção, com um espírito aberto e benevolente, embora não sem prudência, segundo as palavras do vosso Filho: “Sede sábios como serpentes e simples como pombas” (Mt 10,16). Desta forma, poderemos avaliar melhor a missão que nos reservastes.

Finalmente, ó Maria, faremos o nosso melhor para que sejas conhecida e amada por todos, para que o triunfo do teu Imaculado Coração possa vir, de acordo com a tua promessa feita em Fátima. E, no nosso zelo de preparação para a vinda do vosso Filho em glória, esforçarmos-nos por afastar os nossos contemporâneos da tentação da chamada “Nova Era”, que é provavelmente uma das últimas cartas de Satanás para estabelecer em todo o planeta um novo paganismo e promover o reinado do Anticristo.

Obrigado, Senhor, por nos ofereceres uma caminhada de conversão. Obrigado por nos concederes, com a vossa habitual munificência, o Dom do seu Espírito. Obrigado por nos escolheres novamente, apesar dos nossos pecados, como instrumentos do vosso Reino. Glória a Ti, Senhor. Ámen. Vem, Senhor Jesus!

Mensagem de Chartres 1995 e Oração para o cinquentenário dos
Cavaleiros de Nossa Senhora



fr Gérard Lafond OSB
Abade de São Paulo de Wisques,
fundador dos Cavaleiros de Nossa Senhora

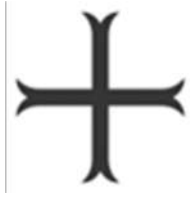
Orientações:

1. *Recentrar a nossa fé e esperança na perspectiva escatológica da vinda do Senhor Jesus em glória, preparada por Maria. Mas sem cair no iluminismo! “Quanto àquele Dia e Hora, ninguém os conhece, nem mesmo os anjos do céu, nem o Filho, ninguém, senão o Pai, e só Ele” (Mt 24,36). Esta reorientação deve animar a nossa vida de oração e as nossas leituras sagradas, a nossa participação na Nova Evangelização e a nossa acção social (purificada de toda a contaminação ideológica ou política). Deve também dar-nos uma nova perspectiva: sobre a criação, ciência, tecnologia; sobre a Igreja, o ecumenismo, e, mais geralmente, a unidade (a reunião dos filhos dispersos de Deus); sobre as religiões e culturas, e a prática do diálogo; sobre as ideologias emergentes, especialmente a Nova Era.*
2. *Definir a preparação do Grande Jubileu do Ano 2000 como o único e unificador objectivo de todas as acções da Ordem. O Santo Padre João Paulo II deu as linhas principais desta preparação na Carta Apostólica Tertio millennio adveniente: conformar-se estritamente com ela, e escolher os temas de reflexão e formação, as intenções de oração, e as mensagens de evangelização e diálogo segundo este Documento do Magistério.*
3. *Pedir ao Espírito Santo, por intercessão de Nossa Senhora, que proponha à Ordem como um corpo constituído, e em todos os priorados, uma acção bem determinada ao serviço do próximo, e em harmonia com o espírito e os fins da Ordem. Pedir isto numa oração unânime e perseverante, acompanhada de jejum.*
4. *Formar pequenas equipas de irmãos e irmãs, cada um dos quais é responsável por procurar, a fim de entrar em relação e diálogo profundo com eles, grupos católicos e/ou ecuménicos, comunidades, movimentos, etc., orientados para a Nova*

Mensagem de Chartres 1995 e Oração para o cinquentenário dos
Cavaleiros de Nossa Senhora

Evangelização. Apresentar ao Magistério e a toda a Ordem, num capítulo anual, os resultados desta Missão. Levar a estas comunidades a mensagem do Grande Jubileu e a de Saint Louis-Marie Grignion de Montfort (Apóstolos do fim dos tempos, Reinado de Maria, esperança escatológica).

5. *Ao mesmo tempo: meditar em oração sobre a “Mensagem e Oração de Chartres 1995”, comunicá-la a todos os irmãos e irmãs que se distanciaram da Ordem mas são fiéis ao Papa, convidá-los a juntarem-se a nós nos nossos esforços, e sobretudo pôr em prática, dentro da Ordem, os pontos de conversão que ela indica.*
6. *Estudar, em grupo ou individualmente, as obras que serão recomendadas pelo Magistério da Ordem como indispensáveis ou úteis para a prossecução do nosso objectivo. A notar a partir de agora: João Paulo II: Tertio millennio adveniente (No Alvorecer do Terceiro Milénio), a Carta sobre a Unidade Ut unum sint, a Carta Oriental Lumen, etc. E também o notável trabalho de Patrick de Laubier: “Le Temps de la Fin des Temps”.*



Código de Honra

- I -

O cavaleiro combate por Cristo e pelo Seu Reino.

- II -

O cavaleiro serve a sua Dama, a Virgem Maria.

- III -

O cavaleiro defende a Santa Igreja até ao sangue.

- IV -

O cavaleiro mantém as tradições dos seus antepassados.

- V -

O cavaleiro combate pela Justiça, pela Ordem Cristã e pela Paz.

- VI -

O cavaleiro trava contra o mundo e o seu Príncipe uma guerra sem tréguas nem canso.

- VII -

O cavaleiro honra e protege os pobres, os fracos e os deserdados.

- VIII -

O cavaleiro despreza o dinheiro e os poderes deste mundo.

- IX -

O cavaleiro é humilde, magnânimo e leal.

- X -

O cavaleiro é puro e cortês, ardente e fiel.

Nossa Senhora, livrai-nos do perjúrio!





MILITIA SANCTÆ MARIÆ

- companhia regular e militante dos cavaleiros de Nossa Senhora -

--

Rua de Guadalupe, n.º 73, 4715-298 BRAGA